

CONTRIBUIÇÕES FILOSÓFICAS DE NIETZSCHE PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Fernanda Monteiro Rigue¹
Tascieli Feltrin²
Guilherme Carlos Corrêa³

RESUMO

O presente artigo apresenta o pensamento do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), no âmbito da cultura e teoria do conhecimento, relacionando-o ao campo educacional na contemporaneidade. Damos destaque aqui, às contribuições de Nietzsche para a Formação de Professores e à educação contemporânea. Para isso utilizamo-nos do acervo bibliográfico do filósofo, juntamente com reflexões de autores contemporâneos que apresentam perspectivas educacionais inspiradas nas possibilidades em educação apresentadas nas obras de Nietzsche.

Palavras-chave: Nietzsche. Formação de Professores. Educação.

NIETZSCHE PHILOSOPHICAL CONTRIBUTIONS FOR TEACHER TRAINING AND CONTEMPORARY EDUCATION

ABSTRACT

The present article presents the thinking of the German philosopher Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), in the context of culture and theory of knowledge, relating it to the field of education in the contemporary world. We highlight here the contributions of Nietzsche to Teacher Education and contemporary education. For this we use the bibliographical collection of the philosopher, along with reflections of contemporary authors who present educational perspectives inspired by the possibilities in education presented in the works of Nietzsche.

Keywords: Nietzsche. Teacher training. Education.

¹ Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFSM. Mestra em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFSM. Graduada em Licenciatura em Química – IF Farroupilha SVS. E-mail: fernanda_rigue@hotmail.com.

² Mestra em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFSM. Especialista em Gestão Educacional pela UFSM e Graduada em Letras Português/Espanhol e respectivas Literaturas. E-mail: tascifeltrin@gmail.com.

³ Doutor em Ciências Sociais-Política pela PUC/SP, professor adjunto nos curso de formação de professores para Ciências, Química e Pedagogia e no Programa de Pós- Graduação em Educação do Centro de Educação da UFSM/RS. E-mail: gcarloscorrea@gmail.com.

INTRODUÇÃO

As questões educacionais assumem, no contemporâneo, importante papel na promoção de situações de conflito em que práticas arcaicas de disciplinamento do corpo e de confinamento dos indivíduos destoam das demais esferas da vida de jovens e crianças interativos e nativos digitais, por exemplo. Nesse sentido, cabe pensar que outras formas de se conceber educação são possíveis de se estabelecer e de subsidiar, entre outros, o campo da formação de educadores. O filósofo e livre pensador Friedrich Wilhelm Nietzsche, ainda no século XIX, tecia severas críticas aos moldes escolares e defendia que os homens por serem distintos entre si deveriam ser educados de formas igualmente distintas. Não era a intenção de o filósofo incentivar a desigualdade entre as classes sociais, por exemplo, mas longe disso oferecer a liberdade de livre aprender o que mais satisfazia a cada espírito e dar oportunidade dos espíritos mais curiosos buscarem o tanto de conhecimento que lhes fosse requisitado.

Nesse breve estudo, buscamos abarcar de um lado, o estudo dos aspectos e percepções de Nietzsche enquanto crítica à cultura ocidental e vertente filosófica. E, de outro lado, problematizar suas colocações recorrentes nas situações de educação, sejam elas escolares, ou não. Segundo Corrêa (2000, p.73-74) no contemporâneo faz-se necessária a distinção entre os termos *educação* e *escolarização* em seus diferentes modos, e apresentações:

O primeiro vem como uma das características importantes que distinguem o gênero humano a partir da faculdade da memória a partir da faculdade da memória e da sua capacidade de construir ferramentas aliadas à vida em sociedade, na consequente mão destes aspectos na construção da cultura. Deste modo ser humano em sociedade implica estar envolvido por situações de educação, seja de um indivíduo com outro; do meio social para com o indivíduo e vice-versa; e ainda, do indivíduo e ele mesmo com tudo que o cerca: a auto-educação – ou a leitura que o indivíduo faz do mundo a partir de suas expectativas e capacidades. [...] A escolarização, por sua vez, é também educação só que vinculada a objetivos institucionalizados. Almeja-se com ela um tipo de homem e um tipo de sociedade. A escola funciona dentro desses objetivos como máquina, aparelho ou dispositivo que pode ser acionado pelo centro de decisões de qualquer poder (religioso e/ou político e/ou econômico) que esteja em vigência, onde se processa a

fabricação desses indivíduos “ideais” e, na lógica desses poderes, consequentemente, da sociedade.

Perceber a educação para além da escolarização, através de um movimento do pensar é a estratégia que defendemos neste artigo. Por meio das concepções de potência de Nietzsche em suas obras *A Gaia Ciência* e *Assim falou Zaratustra*, principalmente, desafiamo-nos a refletir sobre a cultura escolarizada instaurada nos bancos escolares e no campo da Formação de Professores. É nesse sentido, que se propõe um contato com a concepção do conceito filosófico acerca da vontade de potência de Nietzsche, aliado ao conhecer com vontade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche veio ao mundo em Röcken (Alemanha) no ano de 1844. Nasceu em família luterana e foi incentivado desde a tenra idade para as atividades de cunho religioso, que suscitassem a vocação para pastor. Aos quatorze anos de idade recebeu uma bolsa de estudos que iria prepará-lo para a atuação no clero, nessa formação destacava-se o estudo das questões religiosas, os estudos clássicos e a literatura alemã. A partir dessa vivência iniciou seus questionamentos em torno dos ensinamentos cristãos.

Durante seus estudos na *Universidade de Leipzig* a leitura do livro *O Mundo como Vontade e Representação* de *Arthur Schopenhauer*, veio a constituir suas premissas de vocação filosófica, inspirando-se também na obra musical de *Richard Wagner*. Iniciou sua carreira como filósofo clássico antes de se voltar para a filosofia. Aos vinte e quatro anos foi nomeado para a cadeira de Filosofia Clássica na *Universidade de Basileia*, sendo a pessoa mais jovem a alcançar esta posição.

No ano de 1870, comprometeu-se como médico voluntário na Guerra franco-prussiana e, essa vivência da violência e o sofrimento chocaram-no profundamente. Em 1879, seu estado de saúde obrigou-o a deixar o posto de professor. Começou, então, uma vida errante em busca de um clima favorável tanto para sua saúde como para seu pensamento.

Em 1889, aos quarenta e quatro anos de idade, sofreu um colapso perdendo suas faculdades mentais. No início desta fase Nietzsche encarnou alternativamente

as figuras de Dionísio e Cristo, expressas em bizarras cartas, afundando, depois, em um silêncio quase completo até a sua morte. Testemunhou o açoitamento de um cavalo no outro extremo da *Piazza Carlo Alberto*, correu em direção ao cavalo, jogou os braços ao redor de seu pescoço para protegê-lo e, em seguida, caiu no chão. Embora, a maioria dos comentaristas, considere seu colapso como alheio a sua filosofia, chegou a insinuar que sua filosofia pudesse tê-lo enlouquecido ("Homem encarnado' também deve enlouquecer"). Viveu seus últimos anos sob cuidados de sua irmã, até 1900.

As obras de Nietzsche são muito distintas quando comparadas a de outros filósofos renomados. Do ponto de vista formal, suas publicações são diversificadas, refletindo seus pensamentos acerca dos mais diversos temas, sem, no entanto, forçar definições ou a criação de conceitos, pois acreditava que o que vem à consciência é uma espécie de subproduto, pequeno e insignificante, de toda a psique. O que vem à cabeça seria uma espécie de holofote originado da vontade de potência, da energia vital, a essência. O que passa pela cabeça é parte do que sentimos, ou seja, oscilações de potência. Não é um "eu" consciente que controla o farol, o eu consciente é o resultado da iluminação do farol, que é inconsciente. Não é você que controla o que passa pela sua cabeça.

A vontade, segundo ele, é cega e insaciável. Para além dos nossos sentidos, não está fora do mundo, ela se dá na relação, ou seja, é múltipla e se mostra como efetivação real. Não sendo possível um equilíbrio, apenas uma tensão que se prova pelo movimento constante. Para Nietzsche a vontade de potência é uma instância final, a qual se pode retornar. Não se refere a uma essência transcendental, mas a uma transgressão dos fins.

Sua filosofia é baseada em paixões, afetos e desejos, contemplando o individualismo e os instintos. Não se trata de uma atitude teórica mas de uma filosofia prática enraizada na vida, na liberação da moral e de tudo aquilo que nos prende a ideologias e religiões. A potência é a força de todo ser.

Nietzsche foi um dos principais críticos do Racionalismo encontrando na tragédia grega sua inspiração maior. Rompe com a visão de Sócrates (470-399 a. C.), Platão (428-347 a. C.) e, Aristóteles (384-322 a. C.), os quais desfazem com a

visão mítica da realidade impondo o racionalismo como ponto culminante no Iluminismo do séc. XVIII.

Dois dos principais representantes do racionalismo no ocidente são Descartes (1596-1650) e Kant (1724-1804), para eles, as ações humanas devem ser orientadas pelo uso da razão. Com relação à tradição filosófica ocidental, Nietzsche representa um contraponto, uma ruptura com relação ao pensamento extremamente racionalista.

Para Nietzsche era justamente na tragédia grega que se encontravam as raízes da verdadeira condição do espírito humano, para isso ele se apoia e faz uma contraposição entre o Espírito Apolíneo⁴ (pensamento de Apolo) e o Espírito Dionisíaco⁵ (pensamento de Dionísio), a partir da invasão do racionalismo. Trata da Grécia antes da separação entre trabalho manual e intelectual, entre o cidadão e o político, entre o poeta e o filósofo.

O pensamento ocidental foi extremamente pautado no Espírito Apolíneo, tendo na razão a principal dimensão da existência humana. Nietzsche observa nesse pensamento instituído o grande equívoco da cultura ocidental, pois comprometeu tanto a moral, a ciência, a filosofia, a arte, como a própria maneira do existir humano na cultura ocidental. É nessa orientação que sua proposta de revolução cultural se materializa, retomando os rumos da existência humana.

Nietzsche desse modo identifica na racionalidade, a decadência dos instintos. Apresenta a razão como base do mundo ocidental, em que a ética orienta os homens através dos tempos, instituindo a repressão em nome da consciência moral. Ele propõe quebrar a marteladas todos os ícones objetivando emergir a vontade de potência. Sua filosofia afirma que é necessário ao homem moderno a apropriação da vontade de potência para poder voltar a criar valores. Segundo Azeredo,

"Daí a posição indiferente que se efetivaria na manutenção do dado ser objeto de crítica e, porque não dizer, ideal a ser destruído pelo 'martelo*', já que a crítica, enquanto referida ao valor dos valores, configura a 'filosofia a marteladas', destruidora de idéias e ideais" (2000, p. 26).

⁴ Espírito Apolíneo é o espírito da racionalidade, do pensamento lógico que segundo Nietzsche é um pensamento muito matemático e pouco impregnado pelas forças vitais.

⁵ Espírito Dionisíaco trata-se da sensibilidade humana, ou seja, daquelas forças mais profundas do nosso espírito, do nosso ser. Os quais alimentam a nossa existência com força de potência, como Vontade de Potência.

Conforme Martins e Pereira (2014), o esforço nietzschiano é justamente de um distanciamento de tal ordem moral e ilusória, a ponto de escrever que a culpa é uma ilusão. O exercício crítico do homem do conhecimento, pois consiste em esvaziar tais pretensos sentimentos que são superiores para, gradativamente, compreender-se como um experimento para si mesmo, experimento que se situa numa dimensão genuinamente estética. Um sentimento de aprendizagem contínua, sem um fim finito e verificável.

Do mesmo modo Martins e Pereira ainda enfatizam (2014, p. 231) que, sem “as categorias morais de culpa, pecado, má consciência, castigo etc., abre-se ao homem novamente espaço para experimentação consigo mesmo, que, neste caso, não sendo mais moralizante, passa a ser um experimento estético”. E esse é um ponto igualmente importante: para além do horizonte moralizante de compreensão da existência, Nietzsche insiste em situar a autoformação a partir de uma consideração estética, uma vez que seu esforço crítico é precisamente abalar os erros da razão, num distanciamento crítico da ilusão da ordem moral. Nesse sentido, passa a se considerar novas possibilidades, um novo mundo, tornando-se construtor de si mesmo, que é perceptível em sua segunda fase de produção – *Aurora e A gaia ciência*.

Para realização do presente artigo, realizou-se uma análise das publicações mais conhecidas de Nietzsche como, por exemplo - *A Gaia Ciência e Assim falou Zaratustra*, de modo a conceber suas contribuições para pensar a educação para além dos bancos escolares.

A educação, com base no sistema institucionalizado de escolarização, tende a padronizar os indivíduos ao invés de abrir espaço para que eles se destaquem a partir de sua vontade de potência. Conforme pesquisa realizada anteriormente por Corrêa (2000, p. 51) a escola nessa perspectiva torna-se,

Aquela que abandonamos os poemas, os livros de aventuras, os textos de história, as contas de juro e porcentagem e passamos a marcar, confortavelmente, com um xis a resposta certa, a preencher lacunas, a relacionar a primeira coluna com a segunda, a colocar *vê* ou *éfe*, a resolver expressões algébricas... Exercício. O corpo adequando-se à cadeira, horas a fio, a mente atenta, receptora, tornando-se apta a resolver problemas.

Corrêa (2006) em sua obra *Educação Comunicação Anarquia: procedências da sociedade de controle no Brasil* problematiza o tratamento dispensado à escolarização tornada um direito obrigatório.

Nas escolas acontece o mais extenso exercício compulsório de imobilização do corpo em situações de comunicação. Nestas situações ocorre o primado da informação. Se a informação transita, o mesmo não se pode dizer dos que estão se comunicando. É aí que se pode perceber que o exercício da aprendizagem em situações de comunicação implica exercício de imobilização. Uma espécie de atletismo, de preparação cuidadosa, para fazer parar o corpo e o pensamento. (CORRÊA, 2006, p. 14-15)

O direito obrigatório da escolarização dissocia o pensamento da ação, imobiliza o corpo como condição exclusiva de obtenção da aprendizagem. Conforme Foucault, pensador contemporâneo que se utilizou da proposta de concepção da vida social de Nietzsche para estruturar suas concepções, fato que podemos ver em textos como *Nietzsche, a genealogia do poder, Genealogia e Poder* entre outros:

Se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidos em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino. Na verdade, esse sistema em que vivemos nada pode suportar: daí sua fragilidade radical em cada ponto, ao mesmo tempo que sua força global de repressão. (FOUCAULT, 1979, p.43)

É nesse sentido que para Foucault, os métodos do poder disciplinar,

[...] permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar 'disciplinas'. Muitos processos disciplinares existem há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII formulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes (2010, p. 133).

Assim, faz-se emergente a necessidade de atentar-nos para com o pensamento educacional em Nietzsche, embora sua escrita não tenha como atividade fim tal tratamento. Refletir sobre suas problemáticas e transpor suas considerações para o que temos feito com a 'noção' de educação na atualidade

apresenta a potencialidade de retornar aos clássicos para compreender o contemporâneo.

O PENSAMENTO EDUCACIONAL EM NIETZSCHE

Em suas principais obras, Nietzsche questiona a democracia, a expansão de tendências educacionais e a ciência, fazendo referência a três tipos de egoísmos a que a educação tem conduzido:

a) **Egoísmo dos comerciantes:** Preside todo relacionamento comercial, onde se visa o lucro e o ganho.

b) **Egoísmo do Estado:** Espírito público que busca incluir uma igualdade de fracos, pessoas menores, dominados pelas determinações dos partidos, governos, burocracia.

c) **Egoísmo da Ciência:** Considera sinônimo do único conhecimento válido, vendo a cultura apenas como resultado do processo científico. Desconhecendo os valores da existência humana, ligados a Vontade de Potência, ao poder de dinamismo que foi sufocado pela tradição cultural racionalista do ocidente.

Suas publicações propunham o exercício da autonomia assim como o Iluminismo, porém eram visões muito diferentes. Para os iluministas, como Kant, a autonomia se caracterizava exclusivamente pelo aprimoramento da razão, tendo em vista o intuito pela iluminação, e tornando o homem livre e feliz, sendo dispensáveis todas as demais forças presentes no mesmo. Por sua vez, Nietzsche acreditava que a autonomia não se dava apenas pela razão, ao contrário, a verdadeira emancipação deriva do crescimento da liberdade, da vontade de potência na qual se baseia em todos os dinamismos emocionais, afetivos e instintivos. Muitas destas orientações fazem parte do pensamento contemporâneo que descobre novas inteligências e valoriza diferentes formas de sensibilidade.

A perspectiva educacional que se desprende das obras está fortemente inspirada na figura de *Shopenhauer*, que exerceu um grande papel em sua formação filosófica. Uma questão importante de se pensar no campo da formação de professores é a posição anti-central que a figura do professor, segundo Nietzsche, Criar Educação, Criciúma, v. 7, nº2, julho/novembro 2017.– PPGE – UNESC

deve ter no processo educativo. Para Nietzsche, a formação do professor não se pautaria no preparo técnico-científico, na linha da tradição iluminista, pois essa visão acarretaria na compreensão da escola como estrutura meramente burocrático/administrativa de Estado. O professor para ele é o mestre, e seu modelo de educação deve estar em um ambiente convivial e estético, com anseio de fecundar a vida, ao invés de administrá-la burocraticamente.

Nietzsche, por meio de suas reflexões, utilizou-se de sua vontade de potência para ser o que era na essência, foi fiel a seus sentimentos e, mesmo sendo considerado louco, transpôs suas percepções. O filósofo não organiza suas ideias em capítulos, mas joga seus aforismos na sequência que vêm em seu pensar, isso porque com suas escritas ele não tem pretensão de tornar-se a verdade absoluta, um novo paradigma. Preocupava-se sempre com a formação do homem integral.

Nietzsche, em sua obra *Aurora*, defende uma nova educação do gênero humano, em que se deve,

afastar do mundo o conceito de castigo, que se alastrou sufocando o mundo inteiro! Não há pior erva daninha! Não somente o colocaram nas consequências de nossas maneiras de agir – e como já é apavorante e contrário à razão entender causa e efeito como causa e castigo! – mas foram mais longe (...) a ponto de mandar sentir a própria existência como castigo. (NIETZSCHE, 1983, p.161)

O filósofo e a sua crítica a cultura ocidental atacou ferozmente todas as correntes em vigor na época, tais como o Racionalismo, Iluminismo, Liberalismo, Comunismo, Socialismo, Nazismo, e especificamente, o Cristianismo e expõe sua aversão às religiões em sua obra *O Anticristo de 1888*. Nietzsche acreditava que todas essas correntes, em sua essência, desejavam, em maior ou menor grau, escravizar o homem. Por meio da padronização, segundo seus interesses, toda forma de dominar as massas deve ser repudiada.

Em sua obra *A Gaia Ciência*, o autor, inclusive, questiona a origem do conhecimento racional e afirma que:

O intelecto, através de descomunais lances de tempo, não engendrou nada além de erros; alguns deles resultaram úteis e conservadores da espécie (...) a força do conhecimento não está em seu grau de verdade, mas em sua idade, sua incorporação, seu caráter de condição de vida. (NIETZSCHE, 1983, p.200)

Nietzsche entendia que a figura do professor era necessária à sociedade, mas defendia que sua atuação deveria ser voltada à criação de possibilidades para o exercício da autonomia e de desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo.

Qualquer professor como um mal necessário, a exemplo do comerciante, como um mal que é preciso tornar o menor possível [...] uma razão capital da nossa miséria intelectual na quantidade excessiva de professores: ela é a causa de que se aprenda tão pouco e tão mal. (NIETZSCHE, 2012, p. 197)

Nesse sentido Nietzsche entendia a necessidade de diminuir a presença do professor e à medida que o aluno fosse adquirindo possibilidades de se autoeducar. Da mesma forma, o autor via a educação escolar como via as demais instituições sociais, ou seja, eram formadoras de dominados. Entretanto reconhecia a necessidade da existência da figura do professor para a formação dos indivíduos, tendo a educação como um ambiente convival, com propósito de fecundar a vida e, compartilhar saberes.

No entanto esse professor, na concepção de Nietzsche não poderia jamais contentar-se com uma formação rasa e meramente cartesiana, visto que para bem educar deveria ele ter os mais altos graus de qualificação, assim para ele,

É preciso, ao propagar unicamente os meios de se instruir, elevar o professor ao mais alto grau de qualificação, suprimilo em suas formas medíocres. substituir a escola pelas associações de amigos ávidos de saber. (NIETZSCHE, 2012, p. 198).

Ademais, pensar a figura do professor em Nietzsche, ultrapassa a visão de professor da escolarização. O professor em Nietzsche é educador, aquele que pensa na educação enquanto processo formativo humano, para além da finalidade mercadológica pela simples obtenção de diplomas. À Nietzsche, a principal finalidade da educação estava enraizada na formação integral do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel e a função da educação na concepção de Nietzsche era o de contribuir para a promoção de um homem, que ultrapassa o pensamento totalitário de manada. Essa consideração do filósofo defende um modo de pensar que pode ser transposto para uma educação em que os indivíduos possam desenvolver-se com liberdade, pois para ele uma educação formativa é possível pelo desenvolvimento e crescimento da liberdade de escolha do ser.

O filósofo nos faz pensar nos processos de escolarização atuais, em sua obra defende uma educação libertadora, mas com liberdade, na qual o homem que possui um espírito elevado pode tornar-se livre conforme suas potências interiores, livre inclusive do Estado.

Nietzsche não defendia uma educação igualitária para todos, pois acreditava que os homens eram, por natureza, diferentes, e, portanto teriam ocupações distintas, os de “espírito mais dotados teriam ocupações mais elevadas”, (NIETZSCHE, 1983, p.176), diferente dos de “cabeça pequena”. No entanto, não pensa educação igualitária num contexto de padronização, mas aquela a qual os indivíduos se destaquem a partir de suas vontades de potência. Vontades essas que o educador ajudaria a descobrir, possibilitando ele mesmo (o educador) aprender continuamente. Sua implicância com a democracia, pedagogia e a própria ciência era devido a esse espírito de padronização pela via da totalização.

Suas reflexões de outrora são muito pertinentes para pensar a educação institucionalizada hoje, bem como os cursos de Formação Inicial e Continuada de Professores. Será que estes processos institucionais contemporâneos como a Formação de Professores não estaria reproduzindo, no fundo, uma escolarização para a totalidade? Ou seja, uma educação que padroniza e que tem como meta a reprodução de conteúdos e conceitos majoritários? Esses processos não estariam dificultando a aprendizagem a partir do pensamento de Nietzsche em relação a liberdade e o conhecer com vontade? Priorizando apenas a relação dialógica de ensino-aprendizagem, suas normativas, burocratizações, avaliações, critérios e métodos cartesianos.

A educação em toda a amplitude compreendida por Nietzsche perpassa pela vivência estética, existencial no e com o mundo, através das sensações,

sentimentos, paixões e, não apenas nas classes e carteiras da escola e dos cursos de formação, através das didáticas e metodologias de ensino.

É nessa complexidade que se constata a contribuição do filósofo Nietzsche para o campo educacional. Em detrimento da escolarização recheada de fórmulas, métodos, conceitos e, tecnicismos, o mover do pensamento com vontade, é uma das suas contribuições mais significantes para se conceber a educação como um todo, principalmente quando se refere à Formação de professores. Pensar Nietzsche a partir de um pensamento implicado na Formação de Professores é possível se essa formação possibilitar os educadores a conhecerem a si mesmos.

Não basta uma formação que carregue consigo a cultura de vida e profissional de cada um, mas quando voltada para o aluno não cair em obrigações curriculares e nem se deter em hierarquias. Simplesmente o educador seria alguém que compartilharia suas experiências ao mesmo tempo em que se permitiria aprender com o aluno.

Uma Formação de Professores como expansão, como desdobramentos, não como ajuste ou adequação. É nesta configuração que o pensamento do filósofo poderia potencializar reflexões e problematização quanto a Formação de Professores na contemporaneidade. Estaria para além de normas institucionais, mas poderia se vincular a ela para problematizar e expandir integralmente os saberes dos indivíduos a partir de suas potências que, pela escolarização atual, estão presas e naturalizadas burocraticamente no sistema e, em cada um.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, V. D. de. **Nietzsche e a dissolução da moral**. São Paulo: Discurso Editorial; Editora UNIJUÍ, 2000.

CORRÊA, G. C. **Educação Comunicação Anarquia**: procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. O que é a escola? In: Maria OlyPey. (Org.). **Esboço para uma história da escola no Brasil**. 1º ed. Rio de Janeiro: achiamé, 2000.

DELLA FONTE, S. S. **Heidegger, o Pós-Moderno e a Educação**, 2009, Disponível em: <file:///C:/Users/pccli/Downloads/8465-26109-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 de Setembro de 2015.

Criar Educação, Criciúma, v. 7, nº2, julho/novembro 2017.– PPGE – UNESC



Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



FOUCAULT, M. **Verdade e Poder**. In *Microfísica do poder*. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Nietzsche, a genealogia e história**. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

_____. **Vigiar e Punir**. 38. ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

MARTINS, M. F.; PEREIRA, A. dos R. **Filosofia e Educação**: ensaios sobre autores clássicos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos Postumos**: vol. vii (1887-1889). tradutor: Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **Obras Incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **A Gaia Ciência** (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.

_____. **Assim falou Zaratustra** (tradução de Mário da Silva). São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.

_____. **Além do Bem e do Mal** (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed. 2002.